

Diversidade de uso e aspectos socioambientais de quintais urbanos em Abaetetuba, Pará, Brasil

Diversity of use and socio-environmental aspects of urban home gardens in Abaetetuba, Pará, Brazil

LOBATO, G.de J.M.¹; LUCAS, F.C.A.²; TAVARES-MARTINS, A.C.C.²; JARDIM, M.A.G.³; MARTORANO, L.G.⁴

¹Universidade Federal do Pará (UFPA), gercienelobato@hotmail.com; ²Universidade do Estado do Pará (UEPA), copaldoc@yahoo.com.br;tavaresmartins7@gmail.com; ³Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), jardim@museu-goeldi.br; ⁴Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa Amazônia Oriental, martorano.lucietta@gmail.com

RESUMO: Os quintais urbanos na Amazônia agregam conhecimento acerca dos recursos naturais, além de possibilitar convivência familiar. O estudo objetivou identificar formas de uso e conhecimentos socioambientais e culturais relacionados ao modo de vida dos moradores em quintais do Bairro Mutirão, Abaetetuba, Pará. A pesquisa foi realizada em 189 quintais do Bairro Mutirão, selecionados por amostragem probabilística. Os dados foram obtidos com entrevista semiestruturada e observação não participante. Foi calculado valor de diversidade do informante (IDs) e valor de equitabilidade do informante (IEs) para medir os usos dos quintais, bem como a distribuição entre os moradores. Os quintais apresentam elementos estruturais (48,9%), espécies vegetais (28,4%) e animais (22,7%). A manutenção dos quintais envolve técnicas tradicionais de limpeza, com utilização de vassouras, enxadas e ancinhos. Foram identificados 18 tipos de usos, com IDs de 153,4 e IEs de 1, demonstrando quantidades semelhantes de uso entre os informantes. O quintal, espaço dinâmico e heterogêneo, mantém conhecimentos e práticas de conservação da biodiversidade, do ambiente e da cultura local.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente urbano-rural. Biodiversidade. Componentes estruturais.

ABSTRACT: Urban home gardens in Amazonia aggregate knowledge about natural resources and help support families. The objective of this study was to identify the uses and socio-environmental and cultural knowledge related to the of residents in the home gardens live at neighborhood of Mutirão, Abaetetuba, Pará. The study was conducted in 189 home gardens that were selected by probability sampling. The data obtained was based on semi-structured interviews and non-participant observation. The informant diversity value (IDs) and equitability value (IEs) were calculated to measure the uses and distribution of home gardens among residents. The home gardens had structural elements (48.9%), plant species (28.4%) and animals (22.7%). Maintaining the gardens involves traditional cleaning techniques using brooms, hoes and rakes. Eighteen types of use were identified, with IDs of 153.4 and IEs of 1, demonstrating similar amounts of use among the informants. Home gardens are dynamic and heterogeneous spaces that maintain knowledge and conservation practices of biodiversity and local culture.

KEYWORDS: Urban-rural environment. Biodiversity. Structural components.

Introdução

Historicamente, os quintais estão ligados a atividades próprias a uma sociedade agrícola que, transferida para a área urbana, reproduz práticas do meio rural (SOUSA et al., 2014). Intimamente relacionados com a unidade familiar e manejados há anos, podem ser compreendidos como um espaço doméstico de usos múltiplos, onde a fisionomia e a composição florística são influenciadas pela história de ocupação da região, a evolução econômica e a trajetória de vida da família (AMOROZO, 2008). Os quintais urbanos destinam-se, principalmente ao cultivo de plantas e criação de animais (SANTOS, 2011), contribuindo desta forma na produção e no consumo de alimentos (GALHENA et al., 2013), o que reforça as relações sociais desenvolvidas através das práticas de agricultura urbana (OTTMANN et al., 2011).

Na Amazônia, a importância dos quintais urbanos relaciona-se de diversas maneiras ao cotidiano das comunidades. Pode significar uma área de produção, pois próximo à residência localizam-se espécies florestais, plantas de usos múltiplos e áreas destinadas à criação de animais (CHAGAS et al., 2014), com composição florística influenciada pela tradição cultural dos moradores (ROSA et al., 2007) e também utilizados como espaço de lazer e socialização (FERREIRA e SABLAYROLLES, 2009). Desta forma, os quintais são úteis para o homem e expressam conhecimento sobre os recursos naturais (MARTINS et al., 2012). Porém, as formas e as funções destes ambientes vêm sendo modificadas e adaptadas às novas exigências socioeconômicas como a aquisição de bens de mercado (SILVA, 2011).

Em Abaetetuba, Pará, a pequena produção agrícola de muitas famílias ribeirinhas era suficiente para atender necessidades de subsistência e reprodução de modos de vida tradicionais, contudo com a implantação de grandes empreendimentos na Amazônia, a exemplo da Companhia Alumínio Brasileiro S/A (ALBRÁS) - Companhia Alumina do Norte do Brasil S/A (ALUNORTE) em Barcarena, Pará, houve intenso fluxo migratório de comunitários para o município em busca de melhores condições de vida (MACHADO, 2008). Esse crescimento populacional favoreceu o surgimento de bairros como o Mutirão, localizado na zona periférica da cidade, constituído por residências, a maioria com quintais arborizados e ruas com poucas edificações.

Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi identificar as formas de uso e os conhecimentos socioambientais e culturais relacionados ao modo de vida dos moradores em quintais urbanos do Bairro Mutirão, Abaetetuba,

Pará.

Material e Métodos

Local de estudo - no município Abaetetuba (01°43'24" Sul e 48°52'54" Oeste), pertencente a mesorregião do nordeste paraense (SANTOS e COELHO-FERREIRA, 2012). A beleza natural é própria do interior amazônico, com fauna composta por inúmeras espécies e flora caracterizada pela floresta de várzea (SILVA e CARVALHO, 2012). Ocupa uma área de 1.610,74 km², conta com uma população de 141.100 habitantes, e tem como atividades econômicas o comércio, pecuária, agricultura e extrativismo, especialmente de madeira, palmito e frutos de açaí e miriti (IBGE, 2010). Na área urbana existem 14 bairros, entre os quais está o Mutirão.

O histórico de ocupação do Mutirão ocorreu há cerca de 25 anos e foi impulsionado por um período de concessões de terras por parte da prefeitura. Anteriormente, essa área era ocupada por matas de várzea, entrecortada por igarapés. A ocupação se intensificou com a construção da PA- 409, conhecida como estrada de Beja e, posteriormente, após a construção do campus da Universidade Federal do Pará.

Constituído por igrejas, escola de ensino fundamental e centro comunitário, o Mutirão (Figura 1) apresenta arborização pública em praças e nos quintais das residências. As casas são predominantemente de madeira e a maioria das ruas não é pavimentada; não existe rede de esgoto e o abastecimento de água é realizado através de poço. O festejo de maior representatividade no Bairro ocorre no mês de junho com as comemorações alusivas a Santo Antônio.

Coleta e análise de dados - após visita preliminar nos bairros do município de Abaetetuba, o Bairro Mutirão foi selecionado através da percepção ambiental, por apresentar tempo de existência superior a 10 anos possibilitando o estudo de quintais formados e estabelecidos, presença de vegetação ao redor das casas e pela acessibilidade às residências. Para discutir e esclarecer os objetivos do projeto foi realizada uma reunião prévia com a liderança comunitária e moradores, visando o consentimento da pesquisa, o que culminou na assinatura do Termo de Anuência Prévia (TAP) pela representante do Bairro.

A seleção dos quintais foi realizada por amostragem probabilística do tipo aleatória simples, que permitiu a escolha ao acaso e possibilitou que todos os elementos

espécies vegetais, animais e aos usos do quintal foram mantidos conforme a verbalização do entrevistado no momento do diálogo estabelecido na pesquisa de campo.

Utilizou-se o valor de Diversidade do Informante (IDs) e valor de Equitabilidade do Informante (IEs) adaptados de Albuquerque et al. (2010), para medir como os informantes usam os quintais e como esse usos estão distribuídos entre eles. Os valores de IDs variam entre 0 e o número de informantes que usam o quintal, e para o IEs variam entre 0 e 1.

A diversidade do Informante (IDs) e equitabilidade do Informante (IEs) foram obtidas através das seguintes fórmulas, respectivamente: $IDs = 1 / \sum Pi^2$; $IEs = IDs / IDs_{max}$; onde Pi é a contribuição do informante i para o conjunto do conhecimento total da espécie s ; e IDs_{max} é o valor máximo de diversidade do informante para uma espécie (ALBUQUERQUE et al., 2010). Esses índices foram calculados para espécies vegetais. Neste caso, foram adaptados para os quintais, em que o mesmo correspondeu à espécies.

Resultados e Discussão

Perfil dos informantes e caracterização dos quintais - os quintais são mantidos por 84% de informantes do sexo feminino e 16% do masculino, com tempo de moradia superior a 10 anos (56,1%) e idade abrangendo o intervalo de 18 a 83 anos, com média de 40 ($\pm 3,7$). Estas pessoas tem origem da zona urbana (52,4%), ilhas (4,8%) e comunidades peri-urbanas de Abaetetuba (9,5%), bem como de municípios próximos (27,5%) e outros estados (5,8%).

As principais atividades remuneradas dos informantes baseiam-se em trabalhos realizados na feira (6,3%), nos órgãos públicos de Abaetetuba (2,6%) e na empresa Albrás-Alunorte (3,2%), fábrica japonesa para produção de alumínio localizada no município de Barcarena (MACHADO, 2008). Esse empreendimento trouxe uma reordenação do espaço territorial, além de mudanças socioeconômicas em Abaetetuba, as quais impulsionaram o surgimento de bairros como o Mutirão. Estas informações são importantes, pois segundo Fracaro e Guarim (2008), as condições socioeconômicas auxiliam na compreensão de aspectos culturais relacionados aos usos dos quintais.

Dentre as denominações para o espaço, 95,2% utilizam o termo quintal, e em menor proporção foram citadas as expressões floresta, chagão, terreno, sítio e mato. No Bairro Mutirão, há poucas diferenças na forma como nativos (pessoas nascidas em Abaetetuba) e

migrantes (pessoas nascidas em outros estados e/ou municípios) nomeiam esses espaços e tais denominações refletem as percepções que os moradores têm dessa área, que influenciados por sua origem e valores, atribuem seus próprios significados. Para Carniello e Pedroga (2008), na comunidade de Clarinópolis, fronteira do Brasil com a Bolívia, 75% dos informantes empregam a palavra quintal e/ou terreiro para designar o espaço ao redor da residência.

Dos 189 quintais do Bairro Mutirão, 48,9% apresentam elementos estruturais. Dos elementos estruturais, o poço é o mais frequente (27,9%), devido à deficiência no fornecimento de água no Bairro. Porém, instalados precariamente ou em locais inapropriados, deixam o recurso hídrico vulnerável a contaminação, principalmente por esgoto doméstico (LOBATO et al., 2014). Contudo, o poço tem utilidade nas tarefas domésticas realizadas no quintal e/ou domicílio e também promove relações entre vizinhos e parentes pelo uso compartilhado. Mesas, cadeiras, bancos e balanços se fazem presentes em 10,4% dos quintais. Consistem em objetos compartilhados pela família e amigos tanto nas relações sociais cotidianas, o que reforça os resultados de Fracaro e Guarim (2008) quando mencionaram estes elementos com a função de reunir pessoas. Ademais, outros utensílios como eletrodomésticos, brinquedos inutilizados e sapatos velhos, totalizam 8,9% dos objetos depositados nos quintais. Entulhados sem organização e com capacidade de reter água podem trazer agravos à saúde, por se tornarem possíveis criadouros para mosquitos causadores de doenças, como a dengue, que no Bairro Mutirão já acometeu 13,2% dos entrevistados.

As plantas e os animais presentes nos quintais - as plantas são cultivadas em 28,4 % dos quintais, sendo que foram registradas 132 espécies vegetais, de 53 famílias botânicas (Tabela 1), distribuídas nas categorias frutífera, medicinal, ornamental e condimentar. As frutíferas estão representadas principalmente por *Euterpe oleracea* Mart. (6,8%); *Mangifera indica* L. (5,2%); *Cocos nucifera* L. (4,5%); *Malpighia puniceifolia* L. (3,6%); *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (2,0%); *Musa paradisiaca* L. (3,4%). Destas, *Euterpe oleracea* Mart. foi a espécie mais encontrada. Empregada principalmente na alimentação, esta fruta também contribui na geração de renda dos moradores. Nos estudos de Siviero et al. (2011) no Rio Branco, Acre e de Sousa et al. (2014) em Caxias, Maranhão, as frutíferas também ocorreram nos quintais urbanos como fonte de alimentos para as pessoas. Tal constatação

Tabela 1. Espécies vegetais encontradas nos quintais do Bairro Mutirão, Abaetetuba, Pará. C - Condimentar; F - Frutífera; M - Medicinal; O – Ornamental.

Etnoespécie	Família	Nome Científico	Categoria	Número de citações	Frequência Relativa (%)
Abacate	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	F	29	2,1
Abacaxi	Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	F	7	0,5
Abiu	Sapotaceae	<i>Pouteria calbino</i> (Ruiz & Pav.) Radlk	F	17	1,2
Açaí	Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	F	92	6,8
Acerola	Malpighiaceae	<i>Malpighia punctifolia</i> L.	F	49	3,6
Ajuru	Chrysobalanaceae	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	F	10	0,7
Alfavaca	Lamiaceae	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	CM	9	0,7
Algodão	Malvaceae	<i>Gossypium barbadense</i> L.	M	6	0,4
Ameixa	Myrtaceae	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	F	9	0,7
Amor crescido	Portulacaceae	<i>Portulaca pilosa</i> L.	M	3	0,2
Anador	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	M	6	0,4
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	MO	7	0,5
Atta	Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	F	2	0,1
Atroveran	Lamiaceae	<i>Coleus</i> sp.	M	1	0,1
Babosa	Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burman. f.	M	16	1,2
Bacaba	Arecaceae	<i>Orinoco bacaba</i> Mart.	F	3	0,2
Banana	Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	F	46	3,4
Begonha	Begoniaceae	<i>Begonia</i> sp.	O	2	0,1
Bíribi	Annonaceae	<i>Rollinia mucosa</i> (Jacq.) Baill.	F	11	0,8
Boa noite/ Bom dia	Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don	O	3	0,2
Boldo	Asteraceae	<i>Vernonia condensata</i> Baker	M	10	0,7
Brasileira/Brasileirinha/ Pingo de ouro	Euphorbiaceae	<i>Codibeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A. Juss.	O	24	1,8
Cacau	Malvaceae	<i>Theobroma cacao</i> L.	F	17	1,2
Cachoerinho	Araceae	<i>Dioscorea</i> sp.	O	1	0,1
Cacto	Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	O	6	0,4
Café	Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	OM	2	0,1
Caju	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	FM	26	1,9
Caju do mato	Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i> Engl.	F	1	0,1
Cana-de-açúcar	Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	F	10	0,7
Canafloa	Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	M	9	0,7
Canela	Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	M	13	1,0
Capim marinho/ capim santo	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	M	15	1,1
Carambola	Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	F	5	0,4
Caruru	Portulacaceae	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.	C	5	0,4
Cebolinha	Amaryllidaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	C	1	0,1
Chicória	Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	C	6	0,4
Cipó alho	Bignoniaceae	<i>Mouroua allioacea</i> (Lam.) A. H. Geuny	M	7	0,5
Coco	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	F	61	4,5
Comida de jabuti	Piperaceae	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	M	1	0,1
Comigo ninguém pode	Araceae	<i>Dioscorea picta</i> Schott	O	10	0,7
Coramina	Euphorbiaceae	<i>Psidium thymalodes</i> (L.) Poit. <i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.)	M	8	0,6
Croton	Asparagaceae	Jacques	O	3	0,2
Culeira	Bignoniaceae	<i>Crescentia cajeputi</i> L. <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. Ex Spreng.) K. Schum.	O	1	0,1
Cupuaçu	Malvaceae		F	43	3,2
Dinheiro em penca	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus urmartii</i> L.	O	5	0,4
Erva cidreira/cidreira	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	M	23	1,7
Espada de Joana Darc	Asparagaceae	<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd.	O	2	0,1
Espada de São Jorge	Asparagaceae	<i>Sansevieria trifurcata</i> Presl	O	17	1,2
Espinafre	Amaranthaceae	<i>Spinacia oleracea</i> L.	C	1	0,1
Estruaque	Lamiaceae	<i>Ocimum micranthum</i> Willd.	M	1	0,1
Favão/alfavão	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i> L. <i>Clerodendron spectabilissimum</i> Van. Geert	M	3	0,2
Flor de japonês	Lamiaceae		O	9	0,7
Gegilim preto	Pedaliaceae	<i>Sesamum orientale</i> L.	M	1	0,1
Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	M	8	0,6
Girassol	Asteraceae	<i>Gerbera jamaicensis</i> Adlan	O	2	0,1
Goiaba araçá	Myrtaceae	<i>Psidium acutangulum</i> DC.	F	1	0,1
Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	F	40	2,9
Graviola	Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	F	8	0,6
Hortelã, Hortelanzinho	Lamiaceae	<i>Mentha pulegioides</i> L.	M	12	0,9
Hortelã pimenta	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lox.) Spreng	M	1	0,1

Inga	Fabaceae	<i>Inga edulis</i> Mart.	F	31	2,3
Inga batelão	Fabaceae	<i>Inga emmanonema</i> Spruce ex Benth.	F	1	0,1
Jaboticaba	Myrtaceae	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg.	F	2	0,1
Jaca	Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	F	2	0,1
		<i>Syzygium aqueum</i> (Burm. f.) Alston			2,0
		<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry			
Jambu	Myrtaceae	<i>Ayapana stipularis</i> (Vahl) R. M. King & H. Rob.	F	27	0,0
Japana	Asteraceae		M	1	0,1
Jasmim amarelo	Rubiaceae	<i>Isora coccinea</i> L.	O	7	0,5
Jasmim vermelha	Rubiaceae	<i>Isora chinensis</i> Lam.	O	7	0,5
Jerimum	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita moschata</i> Duch.	C	1	0,1
		<i>Eptenemum aureum</i> (Linden & André) G.S. Bunting	O	6	0,4
Jiboinha	Araceae		O	6	0,4
Jucá	Fabaceae	<i>Lebailia ferrea</i> (Mart.) L.P. Queiroz	M	3	0,2
Juçara	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	F	1	0,1
Laço de amor	Begoniaceae	<i>Begonia sempervivens</i> Link & Otto	O	1	0,1
Lacre	Hypericaceae	<i>Visna guianensis</i> (Aubl.) Choisy	M	1	0,1
Lágrima de Nossa Senhora	Poaceae	<i>Cott. lacryma jobi</i> L.	M	2	0,1
Laranja	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	F	27	2,0
Laranja da terra	Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle	M	7	0,5
Limão/limão do nesso	Rutaceae	<i>Citrus thunbergii</i> Risso	F	39	2,9
Limão azedo	Citralidaceae	<i>Avicahia bilimbi</i> L.	F	3	0,2
Limão galego	Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	F	1	0,1
Macaxeira	Euphorbiaceae	<i>Mantoua utilisissima</i> Pohl	F	5	0,4
Mamão	Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	F	35	2,6
Manga	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	F	71	5,2
Manjerico	Lamiaceae	<i>Origanum minimum</i> L.	M	1	0,1
Mão aberta	Araceae	<i>Caladium</i> sp. Vent.	O	1	0,1
Maracujá	Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	F	4	0,3
Marela	Asteraceae	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	M	5	0,4
Mari	Isocinaceae	<i>Paraguaria guianensis</i> Aubl.	F	1	0,1
Marupazinho	Iruidaceae	<i>Eleanthina pilosa</i> Herb. Ex Klatt	M	14	1,0
Masmuz	Amaranthaceae	<i>Cenopodium ambrosioides</i> L.	M	4	0,3
Maxixi	Cucurbitaceae	<i>Cucumis anguria</i> L.	C	1	0,1
Meiberal	Aesoniaceae	<i>Jussiaea parsonsii</i> Jacq.	M	1	0,1
Mirri	Arecaceae	<i>Mercuria flexuosa</i> L. f.	F	1	0,1
Mucura-caí	Phytolaccaceae	<i>Portulaca oleracea</i> L.	M	5	0,4
Muruci	Malpighiaceae	<i>Bryonia cretensis</i> (L.) Kunth	F	4	0,3
Nim	Meliaceae	<i>Asadira indica</i> A. Juss.	O	1	0,1
Noni/Sonho	Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	M	18	1,3
		<i>Caladium picturatum</i> K. Koch & Bouché	O	1	0,1
Oretha de vrado	Araceae		O	1	0,1
Oreca	Lamiaceae	<i>Populium heptanema</i> Benth.	M	2	0,1
		<i>Achillea maritima</i> (G. Mey.) Schult. & Schult. f.	O	2	0,1
Orequídes	Bromeliaceae		O	2	0,1
Palmira	Arecaceae	<i>Licuala grandis</i> H. Wendl. ex Linden	O	1	0,1
Pampolha	Malvaceae	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	O	8	0,6
Papagaíinho	Amaranthaceae	<i>Amaranthus tenella</i> Colla	M	1	0,1
Pariri	Rignoniacae	<i>Pradinia obica</i> (Ramp.) J. G. Lohmsen	M	15	1,1
Pata de vaca	Fabaceae	<i>Bauhinia forficata</i> Link.	M	1	0,1
Pau Brasil	Fabaceae	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	O	1	0,1
Pau de angola	Piperaceae	<i>Piper arboreum</i> Aubl.	O	1	0,1
Pão branco	Euphorbiaceae	<i>Jatropha curcas</i> L.	M	2	0,1
Pão rexo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	M	3	0,2
Picão	Asteraceae	<i>Eleocharis plicata</i> L.	M	1	0,1
Pimenta pimenta de cheiro	Solanaceae	<i>Capricum odoriferum</i> Vell.	C	18	1,3
Pimenta malagueta	Solanaceae	<i>Capricum frutescens</i> L.	C	4	0,3
Pimentinha	Solanaceae	<i>Capricum</i> sp.	C	3	0,2
Piracuru	Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	M	16	1,2
Pitomba	Myrtaceae	<i>Eugenia parviflora</i> Vahl	F	1	0,1
Prato velho	Fabaceae	<i>Cassipouira tomentosa</i> Ducke	O	1	0,1
Pupunha	Arecaceae	<i>Bactris gasipar</i> Kunth	F	24	1,8
Quebra pedra	Phyllanthaceae	(Kunth) G. L. Webster	M	4	0,3
Riu negro	Araceae	<i>Phytodendron</i> sp.	O	1	0,1

Rosa branca	Rosa menina	Rosaceae	<i>Rosa multiflora</i> Thunb.	O	22	1,6
Rosa todo ano		Rosaceae	<i>Rosa rugosa</i> Thunb.	O	1	0,1
Samambaiá		Davalliaceae	<i>Nephrolepis biserrata</i> (Sw.) Schott	O	12	0,9
Sangria		Acanthaceae	<i>Hemigraphis colorata</i> (Blume) Hallier f.	M	1	0,1
Tajá		Araceae	<i>Caladium</i> sp.	O	17	1,2
Tajoba		Araceae	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	F/C	2	0,1
Tomate		Solanaceae	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	C	5	0,4
Trepadeira		Piperaceae	<i>Piperomia</i> sp.	O	4	0,3
Turanja		Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	F	47	3,5
Urucum		Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	F/M	39	2,9
Vindicar de pajé		Zingiberaceae	<i>Alpinia nutans</i> (L.) Roscoe	O	2	0,1
Total	53		132	3	1361	100,0

evidência que o cultivo destas espécies é uma forma de prover, ao menos em parte, as necessidades da família.

Nos quintais foram identificadas espécies distribuídas em diferentes classes de usos, como ornamentais, condimentares, frutíferas, porém em 28,1% a única categoria presente foi a medicinal, com a produção de pequenos canteiros com espécies empregadas apenas como remédio para a família. *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. (1,7%); *Morinda citrifolia* L. (1,3%); *Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers. (1,2%); *Aloe vera* (L.) Burman. f. (1,2%); *Fridericia chica* (Bonpl.) L.G. Lohmann (1,1%); *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (1,1%) e *Eleutherine plicata* Herb. Ex Klatt. (1,0%) foram as mais observadas (Tabela 1). Estas espécies consistem em uma forma de complementação a tratamentos profiláticos realizados através do atendimento prestado pela Unidade de Saúde existente no bairro. Em algumas comunidades como a de Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda, Sergipe, as plantas medicinais usadas para chás ficam próximas à casa da família e são comumente empregadas em decorrência do distanciamento geográfico que dificulta o acesso aos serviços de saúde formais (SANTOS et al., 2013).

Dentre as plantas alimentícias do tipo condimentares predominam a *Capsicum odoriferum* Vell. (1,3%) e a *Ocimum campechianum* Mill (0,7%) (Tabela 1). As espécies condimentares bem como as medicinais, ficam organizadas em jiraus, localizados atrás ou ao lado da casa, que tem a função de proteger dos animais que circulam pelo quintal e de auxiliar o trabalho das moradoras com os cuidados do cultivo. Essas plantas são cultivadas em baldes, vasilhas, bacias, sacos plásticos e em copos descartáveis. Assim, cada quintal é o produto da percepção da arquitetura paisagística daquele que o maneja, associado ao espaço disponível para o cultivo (SIVIERO et al., 2011).

As plantas ornamentais adornam os arredores das casas, oferecendo sombreamento e conforto aos moradores, sendo obtidas principalmente por meio de trocas entre vizinhos ou parentes. As mais cultivadas

são *Codiaeum variegatum* (L.) Rumph. ex A. Juss. (1,8%); *Rosa multiflora* Thunb. (1,6%); *Sansevieria trifasciata* Prain (1,2%) e *Caladium* sp. (1,2%) (Tabela 1). Segundo IBGE (2012), a maioria das espécies é herbácea, e são cuidadas especialmente por mulheres que as usam para decoração da casa ou doam para fazer banhos de cheiro. Espécies ornamentais são cultivadas para enfeitar o ambiente (CASTRO et al., 2007), e mostram-se bem representativas em quintais pela facilidade às condições de cultivo em pouco espaço, como observado no Bairro Fanny em Curitiba-PR, em que essas plantas estão presentes em 89% destes ambientes (OTTMANN et al., 2011).

A Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata* Prain) é cultivada também para fins místicos por conferir proteção contra mau olhado, e é encontrada ao lado da porta de entrada da residência (0,8%). Da mesma forma, o cipó alho (*Mansoa alliacea* (Lam.) A. H. Gentry) tem seu uso associado à proteção da família, como é exemplificado na fala do morador “afasta coisas ruins” (O.F.P., 60 anos). O cultivo desta espécie é uma tradição dos moradores das ilhas do município de Abaetetuba que são levadas para outros lugares como parte da cultura familiar.

A organização das plantas no espaço físico dos quintais é influenciada pelo perfil do morador: organização aleatória, sem técnica de espaçamento e alinhamento entre os cultivos (69%); e setorizada, com distinta categorização de plantios. Plantas destinadas a finalidade de ornamentar localizam-se na frente da residência e aquelas para fins alimentares são cultivadas em canteiros suspensos atrás ou ao lado das casas (31%). Siviero et al. (2011) também constataram esse tipo de organização nos quintais do bairro Placas no Rio Branco, Acre. Observa-se que esses padrões de distribuição dos elementos são orientados pela preferência do informante associado à importância e função do quintal.

Os animais foram registrados em 22,7% dos quintais, sendo identificadas nove espécies com finalidades de

mais frequentes foram cachorro (*Canis lupus familiaris* L.) (48,6%), gato (*Felis catus* L.) (22,4%) e galinha (*Gallus gallus domesticus* L.) (20,1%), os quais desempenham funções de acordo com a necessidade do morador. O cachorro e o gato tem função de proteção enquanto a galinha serve de alimento e, por vezes, são comercializadas. Somente em nove quintais daqueles com presença de animais há comercialização de galinhas e patos (*Cairina moschata* L.). Os animais estão localizados nas áreas adjacentes às residências onde foram identificados alguns criados soltos ou em locais delimitados por cercas. A criação de animais como a galinha é uma prática comumente relatada por moradores de áreas ribeirinhas amazônicas (FERREIRA e SABLAYROLLES, 2009; SANTOS e COELHO-FERREIRA, 2012). Para Galhena et al. (2013) existe uma relação simbiótica entre moradores e recursos naturais nos quintais, uma vez que plantas e animais proporcionam alimentação e outros benefícios para a família e esta por sua vez cuida do espaço.

A manutenção dos quintais - Os quintais são conservados na grande maioria (82%) com queima e capina, práticas realizadas com o intuito de “limpar” o espaço conforme a necessidade de cada família. A seguinte verbalização, expressada por uma moradora, exemplifica essa atividade:

“meu quintal é grande, mas eu toco fogo em todo o lixo, eu meto o terçado vou roçando, tirando a metade do mato e com a vassoura vou cortando os matinhos” (M.A., 56 anos).

Os restos da capina, como folhas secas, cascas de

frutas e sementes, quando não são queimados, são colocadas no tronco das árvores para adubação. Essas rotinas de trato culturais foram evidenciadas também na comunidade Mem de Sá (SANTOS et al., 2013) atestando assim que a manutenção dos quintais envolve procedimentos tradicionais.

Os resíduos sólidos (papel, plástico) produzidos nas moradias, tanto são destinados à coleta regular (95,8%), quanto queimado (4,2%). Geralmente, a fumaça proveniente da incineração serve como repelente contra mosquitos em 1,8% das casas. Essas evidências demonstram que práticas comuns realizadas por comunidades rurais e/ou ribeirinhas são conservadas em ambientes urbanos. Segundo Amaral e Guarim Neto (2008) as pessoas mantêm hábitos, conhecimentos e cuidados típicos de seus locais de origem, ainda que estejam em novas condições fundiárias.

A diversidade de uso nos quintais urbanos - Foram atribuídos 18 tipos de usos para os quintais do Bairro Mutirão (Tabela 3). Essas formas de uso configuram uma área em que são desenvolvidas as tarefas cotidianas, conversas sobre os acontecimentos e dificuldades, além das atividades religiosas. No chão e nas árvores são identificados traços de brincadeiras infantis como balanços e amarelinha. Esses espaços também possibilitam melhoria das condições térmicas com possível sensação de conforto.

As formas de usos evidenciam atividades domésticas, religiosas (celebração de culto e rezas), de lazer, de comercialização de frutas e animais e cultivo de plantas, que comprovam ser esse local um ambiente de convivência e socialização, onde a finalidade de uso depende das necessidades e interesses do morador. A

Tabela 2. Espécies animais encontradas nos quintais do Bairro Mutirão, Abaetetuba, Pará. Dom. – doméstico; T. An. – Tração Animal; Alim. – Alimentícia.

Etnoespécie	Nome científico	Categoria de uso	Número de citações	Frequência Relativa (%)
Cachorro	<i>Canis lupus familiaris</i> L.	Dom	126	48,6
Coelho	<i>Sylvilagus brasiliensis</i> L.	Dom	3	1,2
Cavalo	<i>Equus caballus</i> L.	T.An	1	0,4
Galinha/Galo	<i>Gallus gallus domesticus</i> L.	Dom	52	20,1
Gato	<i>Felis catus</i> L.	Dom	58	22,4
Papagaio verdadeiro	<i>Amazona aestiva</i> L.	Dom	4	1,5
Pato/Pata	<i>Cairina moschata</i> L.	Alim	13	5,0
Picota	<i>Numida meleagris</i> L.	Alim	1	0,4
Tecelão	<i>Cacicus chrysopterus</i> V.	Dom	1	0,4
Total	09	03	259	100

Tabela 3. Formas de uso dos quintais do Bairro Mutirão, Abaetetuba, Pará.

Tipos de uso do quintal	Citações de uso	Frequência Relativa (%)
Estender roupa	89	18,4
Conversar com vizinhos/parentes	97	20,0
Festejos/Lazer para adultos	27	5,6
Celebrações religiosas	28	5,8
Lazer das crianças	91	18,8
Criação de animais	24	4,9
Preparação de alimentos	15	3,1
Descansar	21	4,3
Plantar	42	8,7
Trabalhar	14	2,9
Almoçar	4	0,8
Lavagem de roupa/louça	9	1,9
Garagem (moto e carro)	3	0,6
Passagem	3	0,6
Andar	6	1,2
Lavajato/oficina mecânica	2	0,4
Depósito	5	1,0
Limpar/capinar	5	1,0
Total	18	485
		100,0

esse respeito Carniello e Pedroga (2008) afirmaram que cada morador organiza seu quintal desenvolvendo atividades de construções, cultivo de plantas, criação de animais integrados aos encontros sociais como festas, rezas e lazer da família.

Apesar de apresentar diferentes tipologias de usos, o valor de diversidade do informante (IDs) medido entre os entrevistados foi 153,4 e o valor de equitabilidade do informante (IEs) foi 1, ou seja, a finalidade do quintal entre os moradores encontra-se distribuída de maneira semelhante, pois o valor encontrado está próximo do número total de informantes que foi de 189. Esses resultados indicam que, com raras exceções, os quintais são utilizados para os mesmos fins.

Associado a esses pressupostos, é importante destacar que os quintais agregam significados e valores fundamentados em funções sociais, ambientais e econômicas, expressados pelas seguintes falas:

“o quintal representa muito da minha saúde e da minha infância, porque tenho asma e fui criada numa fazenda” (L.O., 31 anos); “é divertido aqui, fico conversando, as crianças brincam, quando chego do trabalho ou de uma viagem fico no quintal tomando café” (N.N.P.S., 60 anos); “meu quintal é o charme da casa,

porque é ventilado, é 10 vezes melhor que tá na casa, é saudável, tá sombra, é aconchegante” (M.A., 56 anos); “tem açaí aqui que numa precisão dá pra apanhar e vender” (C.S.S., 30 anos).

Esses relatos confirmam os argumentos de Winklerprins e Oliveira (2010), para os quais, o cuidado e a manutenção dos quintais são motivados pela alegria e satisfação pessoal.

Conclusões

Os quintais do Bairro Mutirão em seus usos múltiplos atendem às necessidades de cada família, conforme hábitos e costumes atrelados a seus valores culturais. O conjunto desses usos é importante para a manutenção dos modos de vida dessas pessoas e de suas relações interpessoais. Partindo dessas constatações, essas áreas ao redor das casas dão alimento, promovem ambiência, geram renda e são mantenedoras de tradições e ritos com os recursos naturais. Na dualidade de características estruturais e biológicas, esses comunitários também convivem com fatores de risco para a saúde humana, como a água, os animais

peçonhentos, as epidemias por arboviroses e a poluição gerada pelo lixo. Desta forma, este estudo pode nortear a implementação de medidas mais sustentáveis para a manutenção dos quintais como ambientes de segurança familiar e pública.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado do Pará, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa concedida; as Agentes Comunitárias de Saúde e a líder comunitária, pelas informações prestadas; e aos moradores do Bairro Mutirão que gentilmente aceitaram compartilhar suas experiências e vivências nos quintais.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P. et al. (Orgs.). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife, PE: NUPPEA, 2010. 559p.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v.3, n.3, p.329-341, 2008.

AMOROZO, M. C. M. Os quintais - funções, importância e futuro. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Org). **Quintais mato-grossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008.

BARBETA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

CARNIELLO, M. A.; PEDROGA, J. A. Quintais na fronteira Brasil-Bolívia, comunidade de Clarinópolis, Cáceres. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Org). **Quintais mato-grossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008.

CASTRO, A. P. et al. A Agricultura Familiar: principal fonte de desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades da área focal do Projeto PIATAM. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (Orgs). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

CBRO – Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2014). **Listas das Aves do Brasil**, 11ª Edição, 1/1/2014. Disponível em: www.cbro.org.br. Acesso em: 09/08/2014.

CHAGAS, J. C. N. et al. Os sistemas produtivos de

plantas medicinais, aromáticas e condimentares nas comunidades São Francisco, Careiro da Várzea e Santa Luzia do Baixo em Iranduba no Amazonas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.9, n.1, p.111-121, 2014.

FERREIRA, T. B.; SABLAYROLLES, M. G. P. Quintais Agrofloretais como Fontes de Saúde: plantas medicinais na Comunidade de Vila Franca, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.4, n.2, p.3159-3162, 2009.

FORZZA, R. C. et al. (2010). **Lista de espécies da flora do Brasil**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012>. Acesso em: 11/08/2014.

FRACARO, F. A.; GUARIM, V. L. M. S. Uso da biodiversidade em quintais do município de Juína. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Org). **Quintais mato-grossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008.

GALHENA, D. H. et al. Home gardens: a promising approach to enhance household food security and wellbeing. **Agriculture & Food Security**, v.2, n.8, p.1-13, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codigo=150010&idtema=1>. Acesso em: 15/06/2013.

IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**: Sistema fitogeográfico, Inventário das formações florestais e campestres, Técnicas e manejo de coleções botânicas, Procedimentos para mapeamentos. 2ª edição. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://praticasembotanica.com/2013/01/24/manual-tecnico-vegetacao-brasileira/>. Acesso em 02/09/2014.

LOBATO, G.J.M. et al. Reserva Extrativista Marinha de Soure, Pará, Brasil: modo de vida das comunidades e ameaças ambientais. **Biota Amazônia**, v.4, n.4, p.66-74, 2014.

MACHADO, J. **História de Abaetetuba**. Edições Alquimia, 2008. 60p.

MARTINS, W. M. O. et al. Agrobiodiversidade nos quintais e roçados ribeirinhos na comunidade Boca do Mõa – Acre. **Revista Biotemas**, v.25, n.3, p.111-120, 2012.

OTTMANN, M. M. A. et al. Quintais urbanos: agricultura urbana na Favela do Parolin, no bairro Fanny e no bairro Lindóia, Curitiba, Paraná. **Revista Acadêmica**:

- Ciências Agrárias e Ambientais**, v.9, n.1, p.101-109, 2011.
- PAGLIA, A. P. et al. **Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil** 2ª Edição. Arlington: Conservation International, 2012. 76p. (Occasional Papers in Conservation Biology, n.6)
- ROSA, L. S. et al. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.2, p. 337-341, 2007.
- SANTOS, A. S. et al. Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda-Sergipe. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.8, n.2, p.100-111, 2013.
- SANTOS, D. H. Agricultura Urbana e Segurança Alimentar. **Saber Acadêmico**, n.11, p.172-182, 2011.
- SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. Estudo etnobotânico de *Mauritia flexuosa* L. f. (Arecaceae) em comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil. **Acta Amazonica**, v.42, n.1, p.1-10, 2012.
- SILVA, C. S. Q.; CARVALHO, N. C. A cultura e a educação amazônica na arte dos brinquedos de miriti. **EccoS**, n. 27, p. 17-32, 2012.
- SILVA, M. R. F. O uso dos quintais domésticos por populações humanas. **Cadernos de Agroecologia**, v.6, n.2, p.1-5, 2011.
- SIVIERO, A. et al. Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v.25, n.3, p.549-556, 2011.
- SOUSA, D. A. et al. Agrobiodiversidade em quintais familiares no município de Caxias, Maranhão. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer**, v.10, n.18, p. 3129-3139, 2014.
- TROPICOS.org. **Missouri Botanical Garden**. Disponível em: www.tropicos.org. Acesso em: 11/08/2014.
- WINKLERPRINS, A. M. G. A.; OLIVEIRA, P. S. S. Urban agriculture in Santarém, Pará, Brazil: diversity and circulation of cultivated plants in urban homegardens. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas** v.5, n.3, p.571-585, 2010.